

N.º 115 — Lisboa, 14 de abril

5.
ANO
1915

PARODIA

FUNDADOR

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assinaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 50000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 15000 * | Africa e India Portuguesa, anno. 25000 *
Cobrança pelo correio..... 5100 * | Estrangeiro, anno 52 numeros... 35000 *

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Anuario Commercial

5, Calçada da Gloria, 5

IMPRESSÃO

Lithographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

Ordem do dia

Chevillard

Chevillard é Lamoureux e Lamoureux é Chevillard.

Chefes d'orchestra.

Os chefes d'orchestra são, como os representantes de todas as chefaturas, instrumentos de disciplina.

Elles promovem a harmonia, como os outros muitas vezes promovem a ordem — a paz.

O chefe d'orchestra é uma forma da autoridade.

Sem elle, nos dominios do som, reinará a anarchia.

Ha duas cathogorias de chefes d'orchestra — os que mandam e os que se fazem obedecer.

Chevillard faz-se obedecer.

Rege sem apparatus. Quando abre um olho desencadeia uma tempestade, quando fecha outro faz a bonança.

A sua batuta é apenas um symbolo da sua autoridade.



AGUA DE MEZA SAMEIRO

de uma leveza extraordinária e de uma pureza indiscutível, engarrafada debaixo de todos os preceitos indicados pela Sciencia.

As garrafas e as rolhas usadas no engarrafamento da Agua de Meza

Sameiro

São sempre esterilizadas

E já conhecida pelas suas pouco vulgares qualidades em quasi todos os paizes estrangeiros e nas colonias portuguezas.

Está á venda em todos os estabelecimentos importantes de Portugal

Preços de venda a retalho

Cada garrafa de 1/2 litro 80 rs.
" " " 1/4 litro 50 rs.

Deposito geral no Porto:

C. Coverley & C.^a
Reboleira, 55, 1.º

Endereço telegraphico—COVERLEY
Telephone n.º 18

Em Lisboa:

Manoel José da Silva

RUA DEL-REI, 31, 2.º

Telephone n.º 512

Endereço telegraphico—MISSILYA

FABRICA DE CARTAS DE JOGAR de Germano & C.^a

Rua Vasco da Gama, 60, 1.º—Lisboa

Cartas numeradas para os jogos de Whiste, Voltaire e Sólo. Especialidade em cartas para o jogo do monte.

Descontos aos revendedores

OURIVESARIA E RELOJOARIA

com officina annexa
de fabrico
e concertos



FLORINDO

Jóias
com brilhantes

Preços limitadissimos

99, Rua Aurea, 99



Peço a V. Ex.^a a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

Annuario Commercial de Portugal ILHAS E ULTRAMAR

PROPRIETARIO·EDITOR: MANOEL JOSÉ DA SILVA ~ DIRECTOR: CALDEIRA PIRES

DA INDUSTRIA, DA MAGISTRATURA E DA ADMINISTRAÇÃO CONVENDO: 1 milhão de endereços e informações em todos os ramos e em todas as freguezias do reino

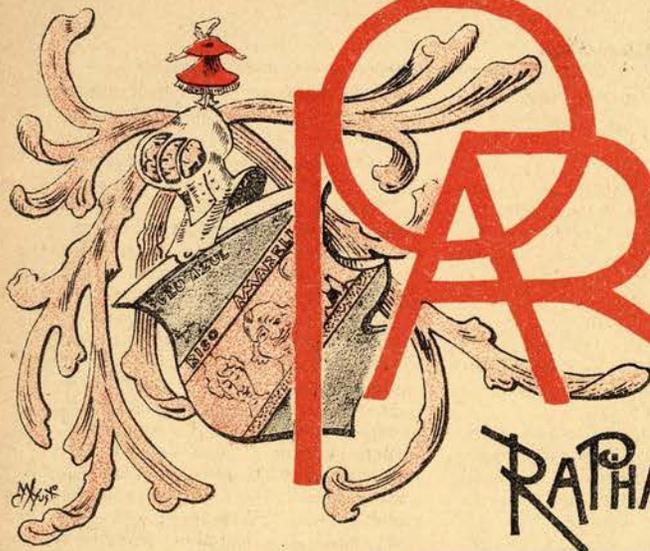
2:360 paginas de texto — 25.º anno

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PREÇO 2\$500 RÉIS

BRINDE: Uma nitida planta de Lisboa medindo 0,34 x 0,36

ESCRITORIO
PRAÇA DOS RESTAURADORES
(PALACIO FOZ)



N.º 115 - LISBOA, 14 DE ABRIL

5.^o
ANO
95

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se às sextas-feiras
Toda a correspondência deve ser
dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 32 num. 25000 rs
Semestre, 26 numeros..... 13000 rs
Invenção pelo correio..... 5000 rs
Brasil, anno 32 numeros..... 55000 rs
Africa e India, Portuguezas, anno 25000 rs
Estrangeiro, anno, 52 numeros... 35600 rs

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data;
tem porem de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CARDDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lithographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

A SUBSCRIÇÃO



Primeiras pedras para o monumento de Pombal

Propõe-se a fundação de uma Liga de consumidores.

O *Diario Illustrado*, fazendo-se echo de numerosas recriminações, protesta contra o encarecimento pertinaz de todos os generos de consumo, os quaes, sob o pretexto do augmento dos cambios, subiram exaggeradamente os seus preços, não os baixando porém, quando os cambios diminuíram.

E o nosso estimavel confrade exemplifica:

«O preço do gaz d'illuminação, que foi elevado em virtude do cambio e da guerra do Transvaal, finda a guerra e melhorado o cambio, continúa a pagar-se da mesma forma. Como o publico não protesta e como os poderes publicos não interveem, muito naturalmente a Companhia do Gaz, que zela pelos seus interesses, vae mantendo o preço alto, ao mesmo tempo que vae baixando a qualidade do gaz que fornece. Por causa dos cambios.

Os generos de alimentação, de importação estrangeira, mantem tambem o alto preço, a pretexto de que foram adquiridos pelo antigo cambio. Como esses generos são vendidos como «acabados de chegar», segue-se que foram pagos muito antes de existirem.

Com os generos vindos da provincia igualmente se mantem o preço, por causa dos cambios.

Os artigos de vestuario teem a «alta novidade» para justificar todos os preços.

A sociedade intellectual está como a dona de casa, sujeita á acção pavorosa do reputado cambio. Jornaes illustrados que em Londres custam um shilling, custam em Lisboa 900 e 1000 réis. Por causa do porte de correio, por causa dos direitos e sobre tudo por causa dos cambios.

E' notavel que o preço dos livros varia conforme a livraria, como se o correio, os direitos e o cambio fizessem distincção entre os fornecedores da nossa alimentação intellectual. Até as publicações periodicas mantem em algumas livrarias o antigo preço tendo diminuido não só o agio como o porte do correio. Uma publicação que custa em Paris 50 centimos, custa em Lisboa 200 réis. Por causa dos cambios.

O *Diario Illustrado* tem perfeita razão.

Somente, como dar remedio a um estado de coisas, contra o qual o consumidor, que não está aggreariado, se encontra absolutamente sem defeza?

Eis aqui justamente a questão: o consumidor não está aggreariado! O consumidor é toda a gente e toda a gente não é ninguém.

Deve ter-se observado que todas as classes, ou interesses de classes, em Portugal, estão aggreariados. A agricultura, a industria, o commercio estão aggreariados. Além d'isso, estão aggreariados os mistérios. Estão aggreariados os carpinteiros, os serralheiros, os fundidores, os oleiros, os cocheiros, os conductores.

Os empregados publicos estão aggreariados. Estão aggreariados os cozinheiros.

Quando estas classes se julgam lesadas nos seus interesses juntam os cotovellos, reúnem, baratustam, bebem copos d'agua, redigem manifestos e representações, agitam com furia uma campanha de cobre, fazem parede, invocam os poderes publicos. N'uma palavra, defendem-se.

Existe porém, no nosso paiz, uma classe, mais do que nenhuma outra numerosa, que não está aggreariada -- a dos consumidores.

Todos se aggreariam para os efeitos da produção. Ninguém se aggrearia para os efeitos do consumo. D'ahi a invalidez dos consumidores, que se encontram absolutamente á mercê do espirito de ganancia da produção.

Se os consumidores estivessem organizados, por exemplo, em Liga (e n'essa Liga iriamos nós a correr, inscrever nos), já a esta hora elles teriam reunido, teriam dado á lingua e teriam tomado, na defeza dos seus interesses, algumas uteis resoluções. Alguns estabelecimentos de Lisboa já baixaram os seus preços, em relação á baixa do cambio. Os consumidores resolviam, por exemplo, não accorrer senão a esses estabelecimentos e abandonar os outros. N'este sentido dirigiam um appello á população. Os resultados não podiam deixar de ser maravilhosos. O commercio ganancioso teria de render se — ou de morrer.

Esta Liga teria outros efeitos. Ella velaria incessantemente pelas condições materiaes da existencia colectiva, pelo bem estar, pela saúde, pela hygiene de todos. Velaria pelo preço e pela qualidade dos generos de nutrição, promoveria a guerra á especulação e á fraude, occupando-se hia da questão dos domicilios, hoje regida tão somente pelo capricho dos senhorios, e propria um regimen de inquilinato mais em relação com os fracos recursos e a mediocre prosperidade do meio social. Faria estatísticas, faria relatorios, faria representações, faria manifestos. Demonstraria, por exemplo, com provas na mão, que o nosso grande mal colectivo, a tuberculose, contra o qual se agitam em vão a philantropia e a hygiene, é engendrado nas mercearias, nos talhos, nas padarias e nos armazens de vinhos; que a tuberculose é a vida cara; que a tuberculose é o pão falsificado e vendido pelo dobro do preço por que se vende em Paris e em Londres; que a tuberculose é a carne inacessivel ás classes pobres; que a tuberculose é o bacalhau nas mãos de monopolistas mais funestos do que calamidades sociaes; que a tuberculose é o vinho intraga-

vel das tabernas; que a tuberculose é o azeite que envenena e o leite que não nutre; que a tuberculose é fome, insufficiencia de alimentação, intoxicação, infortunio, desgraça, miseria.

Essa Liga de consumidores, que está por fazer, teria o mais largo alcance social. Estenderia a sua acção a tudo quanto tivesse relação com a defeza dos interesses materiaes da collectividade, independentemente do egoismo das classes e das profissões. Pensou por acaso o Estado alguma vez em pôr as classes necessitadas ao abrigo da agiotagem impudente das casas de penhores? Nunca pensou. Uma Liga de consumidores, tal como aquella de que estamos dando os traços summarios, poderia com infinita vantagem social occupar-se egualmente d'este assumpto, fazendo um inquerito ás casas de penhores e mostrando como ellas são, entre nós, não o recurso pratico e facil, mas o flagello da miseria.

O Estado francez chamou a si os serviços das casas de penhores e é elle que empresta — contra tudo. No Deposito dos objectos empenhados, em Paris, reconheceu-se ha pouco — irrisão da sorte! — a existencia de uma dentadura postiça. Quer saber-se quanto leva o Estado francez de juro nos seus *Monts de Piété*? — 7 % ao anno. Quer saber-se qual é esse juro, em Portugal? — 7 % ao mez. Um relógio empenhado em qualquer dos *Monts de Piété* da França, por uma somma de 5000 réis, é conservado durante um anno (em Portugal esse praso não vae além de tres mezes) e ao cabo de um anno paga de juro — 350 réis. Esse mesmo relógio empenhado pela mesma somma, em Lisboa, paga ao fim de um anno, se não fór antes d'isso vendido em leilão — 45200 réis.

Uma Liga de consumidores, que fizesse d'este e outros factos congenereos, algumas eloquentes exposições, conseguiria sem duvida interessar a opinião e talvez commover os indifferentes poderes publicos. Agora, justamente, estão estes a braços com a questão dos tabacos, e já appareceu porventura alguém a pronunciar-se em nome dos fumadores?

Ninguém.

Se uma liga de consumidores existisse, ella já teria certamente fallado reclamando o que, no meio de tão desencontreadas reclamações, ainda não foi reclamado, isto é — melhor tabaco.

Resumindo:

— Consumidores de Portugal! Uni-vos!

JOÃO RIMANSO.

OS GRANDES HOMENS NA INTIMIDADE

As revelações do *Diário de Notícias* a respeito do que é, na intimidade, o Sr. Marquez de Soveral — o nosso Soveral (Apoiado!) — despertam, naturalmente, a curiosidade publica, ácerca do que sejam tambem na intimidade outros homens illustres da nossa politica, das nossas letras, das nossas artes, das nossas finanças, etc.

Aquillo que muitas vezes o reporter mais habil não chega a surpreender, com a maior facilidade se obtém pela simples indiscrição d'uma creada de quarto. D'este e d'outros meios semelhantes nos servimos nós para obter algumas notas inéditas da indole das que vão seguir-se.

Para tirar aos factos que vamos offerecer aos leitores da *Parodia* a feição de *blague* que se convencionou attribuir a tudo quanto sae neste jornal, começaremos por transcrever do *Diário de Notícias*, com a devida vénia, as seguintes linhas:

«... O honrado Nascimento, consinheiro particular d'El-Rei D. Carlos, tem muita vez apertado a mão que recebe de Eduardo VII os mais calorosos *shake-hands*.

E quando, fumando o charuto da chegada, o ministro de Portugal em Londres, se despede do soberano, a velha Joaquina não se surprehe de ver entrar o Senhor Marquez, sentar-se na trouxa da roupa, conversar com esta e aquella serviçal e perguntar:

— «Que é feito d'aquella pequenita que estava doente o anno passado?»

— «Agradecida, Senhor Marquez, vae melhorsinha!»

— «Pois amanhã has-de trazê-la cá, que lhe trouxe um boneco.»



Isto com respeito ao Sr. Marquez de Soveral. Agora nós, com respeito a outros:

O Sr. Conselheiro Pereira de Miranda, por exemplo, que foi positivamente arranjado a ferros da tranquillidade da sua vida intima para as profundas agitações da nossa vida publica, é uma creatura adoravel de habitos simples, sempre que se encontra em habitos menores.

S. Ex.^a tem, como se sabe, a mania da honestidade á outrance.

— «O' Rosa!»

— «Senhor Conselheiro...»

— «Anda cá. Puxa-me estas ceroulas...»

A Rosa puxa-lhe as ceroulas.



— «Agora tira-me a camisola...»

A Rosa tira-lhe a camisola.

— «Vês como fico?»

— «Vejo, sim, Senhor Conselheiro...»



— «Pois assim mesmo é que eu hei de sair do Ministerio, e assim hei de vir pela Rua do Oiro acima, para que ninguém possa dizer de mim, como se diz dos outros, que sai do governo com as algibeiras cheias!»

O Sr. Malheiro Dias, de cada vez que conclue um trecho da sua prosa, chama tambem a creada:

— «Joaquina!»

Moita.

— «O' Joaquina!»

Nada.

— «Ora esta! Onde diabo está a Joaquina? Que estará fazendo a Joaquina? O sr. Malheiro Dias exalta se, levanta se, vem a meio do corredor, e grita:

— «Tu não me ouves, Joaquina?»

— «Já lá vou, Senhor Malheiro...»

— «Onde diabo estás tu mettida?»

— «Estou aqui, Senhor Malheiro...»

— «Mas aqui, onde?»

— «Não posso dizer, senhor Malheiro...»

— «Bem. Já sei. Deixa-te estar. Ouves d'ahi mesmo.»

O Sr. Malheiro Dias vae então buscar o seu trecho de prosa, volta para junto da porta por detraz da qual se ouvia, ainda agora, a voz da creada, e começa a lêr, cá de fóra, e em voz bem alta, o que acabou de produzir.



Depois, e de vez em quando, interrompe a leitura, para indagar, como Molière, qual a pressão que a sua prosa produz no espirito da sua creada.

— «Joaquina...»

— «Senhor Malheiro Dias...»

— «Que tal?»

— «Mais alliviada, muito obrigadinha!»



SALSIFRÉ POLITICO

OS NOVOS PARES



UM PAR... IMPAR

Kristian Boddal

O Sr. Fernandes Costa não dá á publicidade uma só poesia sem ouvir também a opinião do seu impedido:

- «24 da 2.^a, sentido!»
- «Prompto, meu commandante!»



E o cantor do *Poema do Ideal* empunhando a lyra, começa a dedilha-la.

Suas maguas são as minhas
minhas tristezas as suas...
Lembra-te sempre o que disse
a paginas trinta e duas!

— «Vossa incelencia dá licença?»
interrompe o 24 da 2.^a.

— «O que é?»

— «E' para perguntar ao meu commandante o que foi que disse a paginas 32, porque já não estou lembrado!»



Com o Sr. Pereira dos Santos, leader da minoria regeneradora, e a respeito de quem se inventou, nunca podemos saber com que fundamento, que nenhum cuidado tem com as suas roupas, nem com as de dentro, nem com as de fóra, dá-se o caso de ter S. Ex.^a muitas vezes de interromper seus trabalhos parlamentares para se entender com a sua lavadeira, e dar-lhe a roupa ao rol.

— «Vamos lá a ver o que temos nesta quinzena, tia Francisca... Camisas...»

- «Camisas, uma!»
- «Ceroulas...»
- «Ceroulas, nenhuma!»
- «Piugas...»
- «Duas.»
- «Collarinhos...»
- «Tres.»
- «Pares de punhos...»
- «Quatro.»

— «Ora essa? Está enganada, tia Francisca. Pares de punhos, dois. Foram só dois.»

— «Pois sim senhor, sim; mas como o freguez costuma sujá-los muitos p'los dois lados, cada par d'elles dá-me tanto trabalho a esfregar como quatro. E ainda ás vezes não ficam bem clarinhos!

ALFREDO.



MOBILIARIO NAVAL

Dizem os jornaes que o Sr. Inspector do Arsenal de Marinha, sob cuja direcção tem sido executados os melhoramentos materiaes que se notam n'aquelle estabelecimento, pensa em modificar a casa de Inspecção, de modo a torna-la propria para receber as pessoas de alta categoria que amiudadas vezes embarcam e desembarcam no Arsenal.

Quer dizer: vamos ter o Arsenal atapetado e com sanefas.

Assim se justifica a exoneração do Sr. Croneau. Pois que necessidade havia de um engenheiro constructor naval, onde nos basta um estofador?

Desde que a nossa attitude perante os conflictos internacionaes tem de ser, invariavelmente e prudentemente, a da neutralidade, mantida apenas por uma habil diplomacia, o que nós precisamos não é material de guerra, é mobilia.

Em vez de couraçados—cadeiras á Voltaire.

Em vez de cruzadores — tauteuils.

Em vez de canhoneiras — cadeiras de balouço.

Em vez de torpedos — molas de sofá.

Uma marinha de guerra n'estas condições não precisa fornecer-se da casa Orlando. Fornece-se da casa Alcobia.



O ESTADO E A EGREJA

O Conselho de Ministros, reunido antes das chuvas dos ultimos dias, occupou-se — disséram as folhas — das providencias a adoptar para debellar a crise agricola proveniente da estiagem.

Depois de muita discussão, o Conselho resolveu que se officiasse ao Patriarcha, expondo a situação da agricultura, e pedindo-lhe que fizesse preces para que chovesse.

Effectivamente, chovou.



Factos & Commentarios

Está absolutamente verificado que o apparato exterior dos artistas é uma parte do seu exito.

Estiveram, por exemplo, em Lisboa, com um curto intervalo, dois violinistas Kubelik e Thomson, entre os quaes os *diletanti* e os criticos declaram Thomson—o maior.

Pois bem!

Kubelik teve em Lisboa um exito ruidoso, casões, fartos applausos, emquanto que Thomson quasi passou despercebido. Os seus concertos não foram frequentados senão por um limitado grupo de artistas e amadores.

Como explicar esta differença de tratamento?

A nosso ver—pelo apparato exterior.

O successo de um e o quasi insuccesso de outro artista deve-se afinal — a quê?

Ao cabelo.

Kubelik possuia, com o genio, a gaforina artistica.

Thomson tinha o genio, mas não tinha a gaforina.

Vimos um e outro.

Kubelik era um personagem d'Hoffmann. Tinha o *fantasque*. Havia n'elle o quer que fosse de um diabo vestido de seminarista.

Thomson, por fóra, não era um artista: era um major reformado. Tinha tudo o que qualifica os maiores e desqualifica os artistas—até a barbiga.

Kubelik tinha por outro lado, o cabelo que é attributo do genio. Thomson era quasi calvo.

Por estas razões e a despeito de todas as garantias das autoridades criticas de Lisboa, o publico que não vira annunciada a cabelleira de Thomson, desertou do theatro D. Amelia.

Na peça ha pouco representada em Coimbra na recita dos quintanistas, troçou-se duramente o—*bohemio*.

Como se sabe, o bohemio era Coimbra.

A queda do bohemio é a queda da sua melhor tradição.

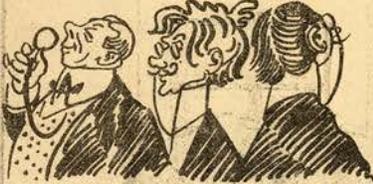
O bohemio, segundo podemos deprehender das allusões dos jornaes á referida peça, é considerado em Coimbra como uma affectação de um espirito de estroinice que passou.

O bohemio, n'uma palavra, está desaeoridado.

A mocidade é outra: outros os costumes.

E' vêr simplesmente os retratos dos novos universitarios.

Que aprumo! que dignidade! que collarinhos e que riscas de cabelo!



O bohemio era desleixado, desmazelado, porcoalhão. Encostava-se ás esquinas, todo elle era nodoso e rasgões e não se penteava. O bohemio era o D. Cesar de Bazan da sebentá.



O moderno universatario é, ao contrario, esmerado, aceiado, elegante. A sua *toilette* é primorosa. Tem um guarda roupa, uma caixa de gravatas, grandes limas d'unhas e um pulverizador com tília.

Se existe um bohemio hoje nas classes universitarias, esse bohemio não quer chamar-se já D. Cesar, mas Brummel.

O proprio bacharelato é um titulo de *dandysmo*.

Antigamente, estudava-se Direito para fazer versos.

Hoje estuda-se Direito para valsar. O bohemio morreu.

Não importa! E' com uma certa saudade que o vemos baixar á ova.

O bohemio era a mocidade na sua expressão talvez a mais *sympathica* — o abandono.

Os jornaes annunciam que as obras de Garrett já não pagam direitos de auctor.

E' enfim já um principio de posteridade, porque a posteridade só vem quando isso não lhe custa nada.

A posteridade é o genio no seu estado gratuito.

Os jornaes são uma inexgotavel fonte de discussão e critica.

Eis aqui um outro que annuncia — o quê?

Um *Gabinete de Massagem Esthetica*, dirigido por uma senhora que, «pelos processos mais aperfeiçoados de Paris e Londres» trata do rosto «fazendo desapparecer rugas, sardas, manchas, pontos vermelhos e impigens, tornando a pelle alva e macia»; trata do peito «por um processo até hoje desconhecido» e graças ao qual, o peito «adquire em pouco tempo um grande desenvolvimento»; faz igualmente «desapparecer as gorduras excessivas do ventre e das ancas»; occupa-se do cabelo e das mãos, etc., etc.

Ficamos assim sabendo o que é a *massagem esthetica* e sobretudo o que é um *Gabinete de massagem esthetica*.

E' o gabinete do doutor Fausto.

Chegam precisos pormenores da capitulação de Porto Arthur, e um d'elles é este, assim referido pelos jornaes:

«Acceita que foi a rendição, o general Nogi enviou um mensageiro a Stessel, offerecendo-lhe uma caixa com garrafas de Champagne e propoendo-lhe ao mesmo tempo encetar as negociações.»

Ora aqui está um vinho que tem uma famosa missão social!

Serve para tudo. — Até para entertos.

Referindo-se a um livro de versos do poeta sr. Correia d'Oliveira e que se intitula *Parabolas*, escreve o *Diario Illustrado* as seguintes linhas:

«As mães portuguezas, tantas vezes em açodada e infructifera peregrinação pelas livrarias, em cata de leitura para os filhos, vão constituir decerto o publico mais entusiasta e mais agradecido das *Parabolas*».

Nós ignoravamos absolutamente que as mães portuguezas andassem açodadas pelas livrarias á cata de leitura para os seus filhos. Temos estado em casa dos srs. Ferreira & Oliveira e bem assim na do sr. Rodrigues e não demos fé de lá entrarem mães açodadas, pedindo leitura para os seus filhos, como os seus filhos pedem a Emulsão Scott.

O depoimento do nosso collega, porém, nos basta e já ficamos sabendo: as *Parabolas* do sr. Oliveira são — a Emulsão Scott das mães.

E' o lyrismo reconstituente. A poesia para escrophulosos.

COMO SE FORMAM AS LENDAS

No banquete offerecido ao Sr. Marquez de Soveral pela Sociedade de Geographia, disse o Sr. Wenceslau de Lima, brindando ás qualidades aprimoradas do illustre festejado:

— «Eu poderia dizer ainda muito mais; mas quer me parecer que, por muito mais que d'elle dissesse, ficaria sempre de fóra um certo *quid*. . . Quer-me mesmo parecer ainda que se o Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros, ou até o Sr. Presidente da Sociedade de Geographia, soubessem de sciencia certa o que é esse *quid*, talvez guardassem o segredo para uso proprio. . . »



Todos os convivas ficaram intrigadissimos com o caso, e a curiosidade logo se estendeu, naturalmente, aos dominios do publico, pelo *comprendu* dos jornaes.

Todos perguntam uns aos outros: — «Já viste alguma vez o *quid* do Soveral?»

Ou então:

— «Que idéa fazes tu do *quid* do Soveral?»

Ou ainda:

— «Mas como é afinal o *quid* do Soveral?»

E como toda a gente se habituou a só ver no sr. Soveral qualidades grandes, o *quid* do illustre diplomata assume, nas imaginações phantasiosas, despropositado volume.

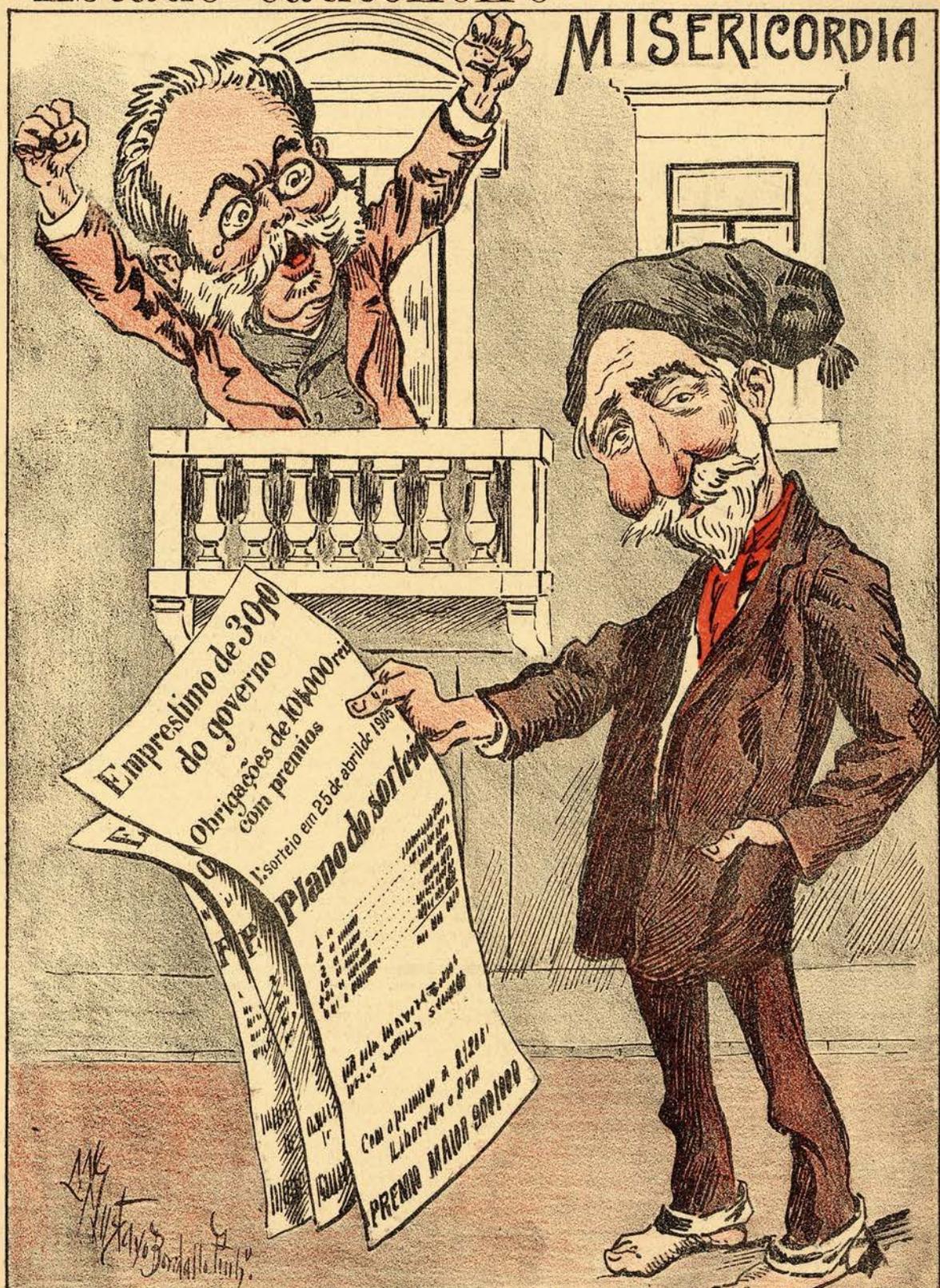
Como ninguém sabe o que é, nem como é, toda a gente o phantasia a seu gosto!

Póde muito bem ser que o *quid* do sr. Soveral não passe de um *quid* como o de toda a gente. Mas a fama de o ter enorme é que já ninguém lhe tira.

Assim se formam as lendas.



Estado cautelleiro



O Sr. Ministro da Fazenda—Quem me acaba o resto?... Cá está a ultima regeitada por um preto da Swazilandia!...

O sr. ministro do Reino—Misericordia para a Misericordia!

TYPOGRAPHIA

DO

Annuario Commercial de Portugal

PROPRIEDADE

DE

MANOEL JOSÉ DA SILVA

Iluminação e força motriz por electricidade

Impressões em tinta de copiar

Transportes, ouro e prata

Impressos para as repartições de Fazenda,
Camaras Municipaes, Companhias de seguros,
Emprezas de navegação, etc.

Bilhetes de visita,

facturas, bilhetes de loja, recibos,

talões, apolices, quotas,

participações de casamentos, conhecimentos, etc.

ESPECIALIDADE EM ROTULOS DE PHARMACIA

E

OBRAS ILLUSTRADAS

5—CALÇADA DA GLORIA—5

LISBOA

